

16 MAR 1996

# MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

## Beto, o otimista

• José Roberto Mendonça de Barros, que os amigos chamam de Beto, é o secretário de Política Econômica do Ministro da Fazenda. A sua missão é acompanhar as tendências da economia e de propor políticas que sobre elas influam, encaminhando-as no rumo desejado pelo Governo. Este rumo foi e continua sendo a estabilidade monetária. Embora o Plano Real já tenha dois anos de sucesso, continua a enfrentar ameaças.

As previsões dos economistas, os do Governo e os do setor privado e da academia, têm, muitas vezes, a confiabilidade das promessas de namorados. Ou seja: variam segundo a intensidade da paixão. Escrevo isso sem preconceitos, porque acredito nos economistas. Acredito, também, nas moças mineiras que viram, creio que em Varginha, um extraterrestre em pé, junto a um muro. Tento não perder a credulidade, exercício nem sempre fácil diante das decepções que sofremos.

Em meados do ano passado, por exemplo, Beto me disse que teríamos um saldo de cinco bilhões na balança comercial. Embora o valor das exportações tenha, realmente, superado um pouco o do ano anterior, o déficit foi de cinco bilhões. Mesmo no país dos bancos com fraudes bilionárias, oito bilhões é um erro de cálculo não desprezível. Lembra-do, Beto bate no peito, faz *mea culpa*, e explica:

— Nós subestimamos a sofreguidão dos brasileiros por artigos importados, depois de décadas de vida em uma economia fechada. Mas isso já acabou. Hoje, o consumidor começa a reconhecer que andou comprando gato por lebre e faz comparações. Vê que, muitas vezes, o produto fabricado no Brasil é melhor e mais barato que o que lhe é ofertado vindo do exterior. Por exemplo: houve uma rede de supermercados que importou um navio inteiro de queijos alemães. Vendeu pouquíssimo. Fez liquidações, distribuiu o queijo até para botequins pé-sujo no interior, pensou até em reexportar para algum produtor de *fondues* na Europa. Tomou um prejuízo danado. Muitos bancos que andaram financiando a importação de carros também micaram. Os importadores não conseguiram vender, em consequência não pagaram os empréstimos, e há bancos que se tornaram proprietários de grandes frotas de carros de passeio.

A vida é um combate que aos fracos abate, aos fortes e aos bravos só pode exaltar, escreveu Gonçalves Dias. Parece ser essa a receita em vigor no segundo escalão da equipe econômica. José Roberto Mendonça de Barros enumera os obstáculos vencidos nestes dois anos de Plano Real:

— Todo plano de estabilização provoca uma euforia inicial de consumo geralmente seguida por uma recessão profunda. Outra consequência costuma ser uma crise cambial, anterior ou coincidente com uma crise bancária. Costuma ocorrer também uma reestruturação empresarial, que provoca um aumento no desemprego. Acontece que tudo isto é escalonado ao longo do tempo. No México, por exemplo, esses obstáculos apareceram ao longo de sete anos.

— No Brasil, essas coisas todas aconteceram ao mesmo tempo, ao longo de um único ano. Houve a euforia das compras, com um aumento do endividamento das famílias, mas já acabou. O início da crise cambial, em parte provocada pela do México, foi superado e as reservas internacionais são as mais altas da História. A reestruturação da indústria corresponde a um movimento mundial de globalização dos processos de produção. Está provocando desemprego no setor, mas no resto da economia se estão criando um número equivalente de empregos. Em nenhum dos dois anos do Real houve uma redução do PIB, como nos outros países. Finalmente, chegou a crise bancária. Estamos tentando resolvê-la sem ter de tomar remédios heróicos. O mais impressionante neste percurso todo foi a capacidade do povo brasileiro em adaptar-se a uma economia com moeda relativamente estável. Hoje, as pessoas, que antes sobreviviam em uma ciranda de 40% ao mês, já aprenderam que uma diferença de 5% nos salários ou no preço das coisas pode ser importante.

— O Plano Real, comparado com outros, conseguiu resultados surpreendentemente rápidos. O processo de estabilização implementado pelo dr. Octavio Bulhões e pelo Roberto Campos, por exemplo, levou três anos para reduzir a inflação anual de 100% a 30%. Em um ano, o Real já ultrapassou este resultado, vindo de índices inflacionários muito maiores.

O presidente Fernando Henrique gostaria de dedicar o segundo semestre à melhoria da gestão pública. Estudar maneira de reduzir o chamado custo Brasil, do qual fazem parte as ineficiências burocráticas, é a tarefa de um grupo interministerial, coordenado pelo ministro-chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho, do qual José Roberto faz parte. Conta ele:

— As regras burocráticas burras parece que nascem do chão como tiriricas. Muitas das simplificações adotadas pelo ministro da Desburocratização, Hélio Beltrão, e pelo seu sucessor, Piquet Carneiro, foram abolidas na prática. A complicação burocrática faz parte da nossa herança colonial e do desejo dos tecnocratas de Brasília de manterem o seu poder.

Estamos examinando isto na tentativa de reduzir o custo Brasil, juntamente com projetos maiores e mais concretos, como a melhoria dos corredores de transporte, das rodovias e dos portos. Só que é muito mais fácil eliminar pequenas taxas ou juntá-las numa taxa única que pôr para funcionar o Porto de Santos.

Fernando Henrique é um otimista profissional. Pelo visto, distribuiu óculos cor-de-rosa para a equipe toda.